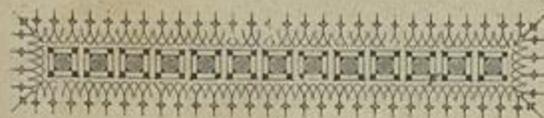


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 651	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 DE JANEIRO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

De Cara Alegre se chama o novo livro de Alfredo Mesquita.

Uma ou outra lagrimasita fugitiva como pequenino cirrus em tarde de S. João, e logo um bom sorriso de paz-d'alma, de consciencia tranquilla, de caracter sem fel, illuminando aquellas duzentas e tantas paginas, escriptas com tinta cõr de rosa, como que ao correr da penna, no estylo facil que é tão difficil, com bom humor, alegres observações, uma vez por outra com um bocadinho de saudade.

De cara alegre não quer dizer de alma contente, nem sequer de coração á larga. Se o rosto é espelho da alma, cara alegre é philosophia, coração á larga pôde ser cynismo.

O livro de Alfredo de Mesquita é um livro bom, são, escripto á luz das madrugadas, que dá alegria á gente, quando passados chilreiam nas olaias em flôr e vôam borboletas aos pares sobre as baunilhas.

Depois de tantos livros de neurasthenicos é consolacão saber-se que é possivel ter talento, idéas, opiniões, criticas, estylo e sentimento, na melhor dasharmonias com um bello estomago e um figado sem maus pontos.

O livro indica um bello espirito, vigoroso, cheio de saude. E' bemvindo como um raio de sol rompendo entre nuvens pardacentas e melancolicas. Não é refrigerio, que frios demais andamos nós; pelo contrario, é um bello lume de lenha crepitando no lar, com um baile de faiscas a subirem luminosas nas volutas do fumo.

E' bemvindo, porque os tempos vão tristonhos. Falta-lhes a graça de Deus e valhes faltando a graça dos homens.

A boa velha, decantada graça portugueza, as chalaças de estalo que fizeram trepidar de alegria os ventres magestosos de nossos tios-avós, as pilherias dos bons tempos, foram, pouco a pouco, perdendo os tóros de bom tom e, substituidas pelo *espirito*, com o pó de arroz azedado de ditos finos, descambaram n'essa atrocissima hoje tão famigerada samsaboria.

Palavra d'honra: uma das coisas mais inquisitoriaes que existem hoje na terra... é uma comedia fina.

Alto!... Entendamo-nos. Mas creio que já nos entendemos. Não ha como o riso! Era eu bem pequeno e ouvi uma vez n'um sermão, e nunca mais me esqueceu, que um grande santo não acreditava na santidade dos tristes.

Gosto de ver um barquito de vela panda, muito branca, todo elle branco e cõr de rosa, navegando em maré de rosas, no valle das lagrimas.

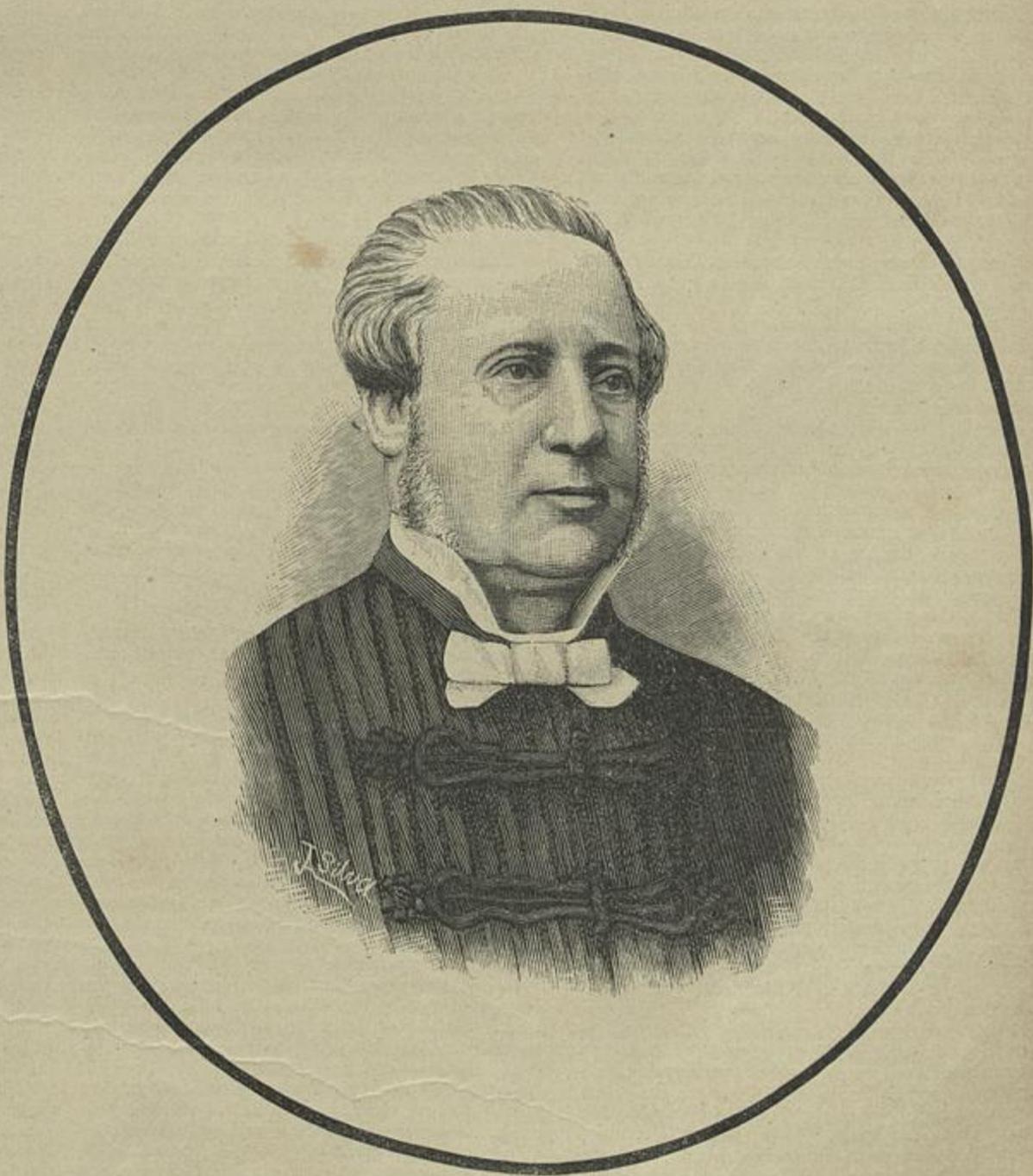
Que nem todas são para enxugar. Por uma que mansamente corre n'um rosto que a fome emmagreceu, que um lucto contrahiu, que uma dôr d'alma envelheceu, quantas que a vaidade offendida, pequeni-

nas miserias ridiculas, raivas comicas, invejas mesquinhas, fizeram brotar d'olhos que se fitam na terra, que nunca se levantaram para os astros do céu.

Vôa, barquito alegre, entre a espuma iriada! Barqueiro, solta a tua cançoneta. Respondam-te das margens os rouxinoes; nas aguas em que navegas molhem as andorinhas rapidas as pontas das azas! Seja-te a maré de rosas n'este valle das lagrimas!

Ha tanto quem se queixe! Um dia a um banqueiro riquissimo, em duvida sobre qual seria o melhor cofre á prova de fogo, um triste desgraçado, que nunca almoçava, que poucas vezes jantava, para quem um bocado de cosido era, havia muito, um mytho, ouviu esta consoladora sentença:

— Vês tu, meu pobre rapaz, todos na vida temos apouquentações; tu, porque não tens dinheiro, eu, porque não sei onde hei de metter o meu.



DR. ARANTES PEDROSO,
DIRECTOR DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA — FALLECICO EM 19 DO CORRENTE

(Copia de uma photographia)

As lagrimas d'este homem não correm pelo vale; empoçam e fazem lama.

A esses choros deve responder-se com gargalhadas, brisa de molde para encher a vela.

N'uma sala anojada dizia uma visita á dona da casa, viuva desde a vespera:

— E' verdade, minha senhora, um desgosto nunca vem só.

E muito compungidamente:

— Hontem recebi a noticia da morte do meu amigo e hoje, logo de manhã... sentei-me em cima do chapéo alto.

A alegria busca ser communicativa; a dôr dos tolos é egoista.

Grande não, grande tormenta, dictado idiota a que os ricos deram curso... para consolar os pobres.

A vida é uma comedia e é para rir que o destino de cada um a vai escrevendo. E' ver os assumptos do dia como nascem, vivem e morrem! São comediasinhas n'um acto, enfiada de levers de rideau, enquanto se não representa a grande, a formidavel tragedia, por enquanto em ensaios.

A symphonia já se vai tocando.

Foram assumptos agora o caso da venda dos empregos, o artigo do *Diario Popular*, o boato da sahida do sr. Ministro da Marinha.

A opinião publica commove-se, a tiragem dos jornaes augmenta, discute-se mais acaloradamente em todos os pontos de reunião, cafés, clubs, americanos, esquinas do Suisso e da Havaneza.

Panno abaixo. Será agora? Ainda não. Pequeno tremolo na orchestra. Afinam se os instrumentos de pancadaria. Uma flauta lyrica modula saudosamente. Tres pancadas. Ergue-se o panno. Será agora?... V. Sr.^{as} queiram desculpar, é outro lever de rideau. A tragedia fica para mais tarde.

E nos intervallos conversa-se em coisas indifferentes á politica, á moralidade, ás questões sociaes.

Os espiritos precisam d'um certo descanso. Espraiemos. Vamos por essas ruas, por esses theatros a ver o que ha de novo.

Musicas, militares, povo em frente da estação central do Rocio. E' a chegada da Sr.^a D. Maria Pia e do Sr. Infante D. Affonso, de volta de suas viagens. Fala-se a proposito das boas relações diplomaticas restabelecidas entre Portugal e a Italia.

Vamos adeante no nosso passeio. Temos perto o theatro de D. Maria, onde cahiu a peça de Abel Botelho, *Immaculavel*.

Porquê?

Não é aqui logar para criticas. Apenas desejamos ferir uma nota que nos parece devéras singular, dar a razão d'um facto que a muitos ha de parecer inverosimil.

Abel Botelho que todos apreciam como artista, jornalista e critico, é um dos escriptores modernos portuguezes mais sinceramente originaes. Possui um estylo seu, um modo de pensar que é seu, uma forma que é sua e muito sua. São grandes virtudes e n'elle innegaveis. Pois foi porque tinha essas qualidades todas que a peça lhe cahiu. Parece absurdo, mas é assim.

A *Immaculavel* cahiu; Abel Botelho ficou de pé.

Em S. Carlos mosquitos por cordas, por causa da recepção muito fria d'alguns espectadores ao Marconi. Bilhete de primeira, um apito de locomotiva, vai-se um tenor. Era de esperar. Dias depois, outro bilhete de primeira, outro apito, não era de esperar, vai-se o Suafiez.

Não é um theatro lyrico, é um theatro de surpresas.

Mas o grande acontecimento theatroal do inverno não se deu em D. Maria, não se deu no theatro de S. Carlos. Foi o Colyseio da Rua Nova da Palma quem teve a dita de, por estes dias, estar na ponta, como dizem os brazileiros.

Nem é de espantar. Aquelle exito da *Dolores* em zarzuela, deve-se á collaboração d'um dos maiores talentos musicaes de Hespanha, o maestro Breton, com o não menos que elle hespanhol, alma cheia de fogo e luz, dos maiores dramaturgos modernos, poeta e artista como poucos, D. José Feliu y Codina.

A *Dolores* é para nós a perola do theatro hespanhol da actualidade. Corre sangue vermelho nas veias d'aquelles personagens; as mulheres de Hespanha falam pela bocca da *Dolores* tão linda, tão fresca, d'alma aquecida pelo sol do Aragão; fala a Andaluza emphatica pela bocca do *Rojas*; não é uma peça de sentimento, é uma peça de paixão. Toda a Hespanha ali está retratada com todos seus pittorescos defeitos, todas suas excellentes qualidades.

Codina e Breton são mestres. Fez-se-lhes justiça.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

DR. ARANTES PEDROSO

Toda Lisboa, de cincoenta annos a esta parte, conheceu o dr. Arantes Pedroso, aquella physionomia grave e serena, aquella typo fino, de uma finura cheia de bondade, de paz. Sim, toda Lisboa conheceu este homem duplamente distincto, pela figura nobre e sympathica, pela cultura do seu espirito, em que reunia tanto saber, e porque bem lhe conhecia todas as qualidades do seu bello caracter, correu presurosa a prestar-lhe o seu concurso na derradeira homenagem.

Foi expontaneo o enorme cortejo que acompanhava ao cemiterio o director da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa; um morto illustre no cultivo da sciencia, mas inteiramente alheio á politica, que, em geral, é á que mais se ligam estas manifestações publicas, como temos visto em nossos dias.

Não foram só os da sua classe que ali concorreram, as deputações das escolas e sociedades scientificas, os numerosos amigos de um vida longa, de que muitos tambem já se haviam apartado, mas gente de todas as classes da sociedade que se agrupou no prestito, evidenciando bem quanto era popular o professor, o medico, o clinico, que por tantos annos prestou os seus servicos na capital, que a tantos tratou e curou, nas enfermarias do hospital de S. José.

Era dos medicos mais antigos de Lisboa, pois que tendo nascido, n'esta capital, em 1822, em 1851, depois de um brilhante concurso, alcançou o logar de lente substituto da Escola Medica. N'aquelles tempos era o medico mais fallado em Lisboa, e desde então até á sua morte nunca deixou a Escola nem o Hospital, ensinando e tratando sempre. Em 1856 foi nomeado lente-proprietario da cadeira de pathologia externa, regendo ainda, por vezes, a cadeira de clinica cirurgica e a de obstetricia.

Foi, portanto, professor da Escola por espaço não inferior a quarenta e cinco annos, e quasi todos os medicos que hoje exercem a clinica em Portugal, em que se encontram clinicos tão distinctos, todos foram seus discipulos e todos conservam do mestre as mais gratas recordações.

Um dos seus discipulos, o sr. Marques Guimarães, orando á beira da sepultura do mestre, em nome dos estudantes da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, attesta, em suas sentidas palavras, o quanto elle era amado:

«E' que, habituados desde a nossa entrada na Escola, a amal-o, a sentir junto do nosso coração o d'elle, em todas as nossas dôres de classe e em todas as nossas alegrias, não acudia á nossa descuidosa mocidade a idéa de que tão breve o perderíamos!»

Um collega do illustre extincto, o sr. Eduardo Motta, expressa-se d'este modo no elogio funebre:

«... Arantes Pedroso foi na vida um verdadeiro symbolo, a formula mais correcta do homem inquestionavelmente superior. Reunindo a um formosissimo talento adamantinos dotes de espirito e coração era, além de mestre dilecto dos seus discipulos, o enlevo da sua classe, e não poucas vezes por ella escolhido para ser o primeiro entre os primeiros. Tem tanto de eloquente como de excepcional o facto de a ter representado durante longo tempo como presidente da Sociedade das Sciencias Medicas, e, se mais vivera, por mais dilatados annos dirigiria os trabalhos de tão respeitavel corporação.

Na cadeira de pathologia externa, que regeu quasi ininterrompidamente desde 1856, e nas sessões da Sociedade das Sciencias Medicas e da Academia Real das Sciencias, da qual era socio effectivo, foi sempre escutado com applauso; seduzia pelo vigor da argumentação e pela critica, que tanto tinha de elevada como de acerada e espirituoso Favorecia-o, dando um tom verdadeiramente artistico, o segredo do gesto, a sonoridade da palavra e a magestosa apresentação da sua imponente figura. Se a isto juntarmos que a sua oratoria, sempre inspirada e elegante, era realçada por uma cortezia primorosa, sómente propria dos espiritos cultos, e que se revelava ainda mesmo quando na discussão as necessidades de defeza se

impunham esmagadoras, não é difficil de explicar a grande auctoridade e sympathia que conquistou no meio scientifico e social, em que viveu.

A sua auctoridade, saber, prudencia e fino tacto, predicados que tão difficil se torna encontrar reunidos, elevaram n'ó mais tarde, em 1887, ao honroso cargo de director da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, logar que desempenhou com a dignidade que presidia a todos os seus actos. Desce por isso á sepultura bemquisto do corpo docente, que muito o respeitava e ao mesmo tempo estremecia. Não admira; de quasi todos fora mestre, e elle não sabia ser mestre sem ser conjuntamente amigo e amigo muito dedicado; é que, além de cerebro, tinha coração, e, que o tinha, podemos attesta-lo nós, os seus companheiros no magisterio, que muitas vezes o vimos no espinhoso exercicio das suas funções ceder aos bondosos impulsos da sua alma, e abafar a voz da justiça que condemna, substituindo a pela clemencia que perdôa e pela da generosidade que beneficia.

Quando subiu á presidencia da Escola já os seus altos meritos haviam sido galardoados com a carta de conselho e com a commenda de Christo, distincções que foram bem cabidas em quem tanto as soube honrar, e tão de direito as mereceu.

Como clinico, e n'este campo evidenciou-se principalmente como habilissimo operador, pairou sempre n'uma atmosphera de exemplar honestidade profissional. Desambicioso por indole, era sua divisa a independencia sem orgulho, e a isenção de caracter sem pretensão. Tão peregrinos dotes faziam no parecer ativo e soberbo, enganadora apparencia que o trato intimo desmentia, e contra a qual protestou sempre a correctissima pratica de todos os seus actos. Ativo e soberbo elle, a gigantesca personalisação dos mais nobres sentimentos.

Pelo lado scientifico o professor Arantes, cuja saude foi sempre precaria, e multiplas as obrigações inherentes á sua posição, não poude legar opulenta herança do seu saber e alto valor litterario, dotes a que, todavia, fazem justiça os seus contemporaneos, em cada um dos quaes encontra um admirador, e que não podia deixar de possuir quem, como elle, ao lado de Latino Coelho, José Estevão de Magalhães, Coutinho, Andrade Corvo, e tantos outros nomes aureolados, fez ainda parte d'essa inolvidavel cohorte de heroes, que, pela alteza das suas falculdades, dominaram durante um longo periodo a orientação litteraria e scientifica do seu paiz.

Ainda assim, no jornalismo medico e nas sociedades scientificas, a que pertencia, deixou luminoso rasto do seu genio.

N'aquelle revelou se, por exemplo, habil polemista em notoria controversia, que por muito tempo foi assumpto de todos as conversações, e que só por si bastaria para fazer a reputação de quem no mundo das letras e das sciencias não a tivesse já tão solidamente estabelecida. N'estas é geralmente reservado em discursar; quando, porem, as pugnas da sciencia ou os accidentes de qualquer discussão o incitavam a entrar na liça, o pensamento acudia-lhe cheio de fogo, e a palavra fulgurava como o relampago. Ainda ultimamente aggregado pela fama do seu nome e pela occupação dos seus elevados cargos, á junta consultiva de saude publica, ahi ostentou toda a realza do seu talento defendendo com ardor varias theses, entre ou ras a da cremação como a melhor pratica hygienica applicada á consumpção do cadaver. E, cousa notavel, não morreu no esplendor da idade viril, mas sim vergando já ao peso dos annos, e todavia até ao derradeiro alento em nada perderam de intensidade as suas brilhantes faculdades intellectuales. Conservou até ao fim a linha característica da sua individualidade. A todos, que de perto o conheciam, admirava o contraste entre o inabalavel vigor do espirito e o successivo e gradual abatimento das forças phisicas. Foi necessario que a morte intervisse para que a materia suplantasse tão pasmosa energia vital.

Ha entes assim; é-lhes perenne a irradiação do cerebro e eterna a mocidade do espirito!»

O dr. José Antonio Arantes Pedroso, foi o 5.^o director da Escola Medico-cirurgica de Lisboa desde 1836 em que este estabelecimento scientifico foi reorganizado.

Encontram-se escriptos seus na *Gazeta Medica* e no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*.

VILLA E CASTELLO DE PALMELLA

Entrando Tejo acima e olhando pela sua margem sul, vê-se para além da enceada da Cova da Piedade, na serra que se desdobra por aquelle

lado um ponto mais elevado, onde, em dias claros de céu límpido, se distingue a distancia uma povoação a alvejar, nas suas casinhas brancas e sobranceiro a ellas correndo as altas muralhas de um castello.

E' Palmella, a velha e historica villa de Palmella, tão decaída hoje dos seus antigos esplendores, mas ainda bella e rica dos dotes naturaes, que nem as convulsões politicas nem os costumes dos tempos lhe tem podido tirar.

A sua origem perde-se na escuridão dos tempos parecendo que foi Antio Cornelio Palma pretor romano da Lusitania, que a fundou na era 106 de Jesus Christo, dando-lhe o nome de Palmella, ou *Palma Pequena*, para a differença de *Palma*, outra cidade que o mesmo pretor havia fundado na Andaluzia.

A península hispanica cahiu em poder dos arabes, em 715 e quando D. Affonso Henriques conquistou Lisboa, Palmella soffreu bastante, porque os mouros achando-se fortes no seu Castello, não se renderam como os de Almada e o primeiro rei portuguez teve que atacar Palmella d'onde conseguiu expulsar os infieis depois de destruir quasi o considerado inexpugnável castello.

Não ficou, porém, bem firme o dominio portuguez, porque os arabes voltaram a occupar Palmella pouco tempo depois.

Nova guerra os expulsou e d'esta vez por mais tempo, mandando D. Affonso I reconstruir e ampliar o castello, dando-o aos cavalleiros de S. Thiego para que o defendessem e povoassem.

Mas não pararam ali os assaltos dos arabes, pois que, em 1191, no reinado de D. Sancho I, quando o paiz se debatia entre os horrores da fome e da peste, invadiram o Algarve e vindo sobre o Alemtejo vieram arrasando e talando as povoações e os campos até Palmella onde completaram a sua obra de destruição.

Parece que ficou então Palmella abandonada por alguns annos e que só por 1205 D. Sancho I a reedificou e mandou povoar, tornando a reconstruir o seu Castello.

Neste castello está o velho mosteiro de S. Thiego, que foi cabeça da ordem, fundado por D. Affonso Henriques e a igreja de Santa Maria do Castello, antiga matriz da villa. Ha ainda fóra dos muros e no seio da povoação a igreja de S. Pedro e a da Misericórdia alem de outras capellas.

A antiga villa pertence hoje ao concelho de Setúbal e tem 1500 fogos.

O seu castello é dos mais bem conservados do paiz, entretanto sem importancia militar para a moderna tática da guerra.

E' notavel a sua torre de menagem e as fortificações exteriores constam de uma cinta de muralhas guarnecidas de robustos revelins, defendidas no solo por obras razas de contra escarpa.

Entrando na torre e subindo a mais de meia altura encontra-se uma casa quadrada, ao centro da qual ha uma escada por onde se desce a grande profundidade que vae dar a um caminho subterraneo com sahida para um dos revelins.

Ao fundo da escada e antes de entrar no caminho subterraneo ha uma casa com uma cisterna. Essa casa foi a prisão do bispo d'Evora D. Garcia de Menezes, que ali morreu expiando o seu crime de traidor e conjurado contra D. João II, na revolta do duque de Bragança.

UMA BACCHANTE

Não se trata das sacerdotizas de Baccho, das que celebravam os mysterios do deus pagão, nem da borboleta diurna, *papilo dejaniro* de desvairado vôo; trata-se de uma bacchante em estylo figurado, talvez mais desenvolvida e lasciva que as bacchantes semi-nuas, coroadas de pampanos e heras, que se vêem na estatuaria antiga.

E' uma bacchante dos nossos tempos, que podia servir de modelo á arte antiga, onde se observava no rosto das bacchantes a graça comica de uma alegria expressa, nos cantos da bocca levemente enrugados, dando-lhe todo o ar de voluptuosidade. A bacchante da nossa gravura recorda, peia expressão, as bacchantes dos quadros de Ticiano, Raphael, Poussin, e Carraccio, esses divinos artistas que immortalisaram a pintura.

E' uma hespanhola, com toda a vivacidade da sua raça, que impunha o copo, em vez do thyrsos, brindando alegremente no meio do festim.

E' uma bacchante de todos os tempos, dos gabinetes reservados, dos cafés-concertos, até as barracas das feiras, por altas horas da noite, em orgias reles, baratas de café de *lepes* e vinho falsificado.

E' assim brinda á folia em que vive de mãos dadas com a miseria que a acompanha.

Pobres bacchantes!

EGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES, EM FLÔR DA ROZA

E' longa a lista dos estragos produzidos por este inverno. Campos devastados, vidas perdidas, habitações destruidas, são as tristes recordações que ficam do rigoroso inverno que vae passando.

De ha muito que a igreja de Nossa Senhora das Neves ou da Flôr da Roza, como geralmente é conhecida, ameaçava ruina. Aquella construção secular, das raras construcções religiosas militares que ainda existem no nosso paiz, monumento nacional respeitavel, não poude resistir por mais tempo, e a ruina parcial que a pouco a pouco a tem ido invadindo apressou agora a sua marcha, com o desabamento da aboboda da capella mór, que ficou debaixo dos escombros, a parte mais ricamente artistica d'este singular edificio.

Foi no dia 11 d'este mez, que desabou aquella aboboda, onde os successivos invernos foram pouco a pouco operando a sua obra de destruição, sem nada que lhes embargasse o passo.

Se se tivesse acudido com as reparações necessarias aos primeiros signaes de ruina, muito se teria poupado, até o desgosto de vêr por terra este monumento nacional.

O vetusto edificio fundado pelo prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae do valoroso condestavel Nuno Alvares Pereira, está por terra ao fim de quatro seculos!

O tempo ainda o popou mais que os homens, que nada fizeram para o conservar!

Em toda a parte estes monumentos que marcam épocas e que pertencem á historia de um paiz, são cuidados como reliquias preciosas de tempos idos, que fallam do passado em suas pedras tostadas dos seculos. Desgraçadamente, em Portugal, tem-se descurado quasi completamente dos monumentos nacionaes, deixando uns ao completo abandono e outros cuidando tão pouco d'elles que mal se poderão sustentar por alguns annos.

O vasto alcaçar de D. Alvaro Gonçalves Pereira, onde a sua piedade christã elevou sumptuoso templo á Virgem, é o orgulho do povo da Flôr da Roza e suas imediações. Imagine-se a magua com que elle verá derruido o velho templo, que era o que, em melhor estado restava da magestosa construção.

As cellas de ha muito que estavam desmornadas, o claustro de oito arcadas abandonado e transformado n'um matagal.

Só restava a igreja, de uma nave, de paredes lisas e severas, erguendo-se a grande altura e com raras janellas por onde a luz se escoava, alumian-do escassamente o interior do templo, como que a convidar os fieis a recolhida meditação.

A capella-mór era um primor d'arte, com a sua decoração em talha de bello lavor.

A imagem da virgem, esculpida em marmore era obra de subido merecimento.

Mas ainda ha mais a que attender dentro do templo. são os tumulos dos que ali repousam. O do fundador que se ergue a meio do templo; um tumulo de pedra, em forma de tumba, lavrado em pedra, tendo nas cabeceiras duas cruces, uma liza de Malta e outra floretada que deverá ser dos Pereiras. No cruzeiro o tumulo de D. Diogo de Almeida sexto prior do Crato, irmão do notavel governador da India D. Francisco de Almeida.

A Alda, de Almeida Garret, mulher do Alfageme de Santarem, sobrinha de Tristão Dias e afilhada de D. Alvaro Gonçalves, nasceu em Flôr da Roza e ali se criou como diz o poeta «como senhora entre senhoras, com mais prendas que ellas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas».

Talvez que a derrocada do edificio agora succedida, venha salvar-o ainda da completa destruição, porque o sr. Luciano Cordeiro, da commissão dos monumentos nacionaes, assim que teve conhecimento do caso, procurou o sr. ministro das obras publicas com quem conferenciou e o ministro deu immediatamente ordem para se proceder desde já ao desentulho e fazer as reparações necessarias mais indispensaveis.

Além d'isto ha noticia de que por baixo dos escombros estão intactos o altar-mór, e a imagem da Virgem e as figuras dos serafins que estão aos lados da capella-mór, o que faz prever que se lhe acudirem a tempo ainda se poderão salvar estas obras d'arte.

Talvez se poderá dizer: «Ha males que vem para bem».

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

(Continuado do n.º 650)

O meu amigo Cordeiro não ha de vêr com maus olhos como em volta de si outros vultos, e tão illustres! naturalmente apparecem. Elle já tem na alegre Leiria o seu nome decorando uma rua; já vê em vida a estima publica, companheira da gloria do bem, da que nasce do bem fazer.

Cordeiro é feliz, que vê assim reconhecido e correspondido pela sua terra o affecto que lhe consagra. Nem todos tem essa ventura.

Em 1853 tão sympathica se tornára aquella escola, onde se cantava, para onde as creanças fugiam e onde com amor se ensinava e se attrahia, chegando a ser um verdadeiro gremio litterario, que os sargentos de caçadores 8 lhe consagraram uma recita e o seu rendimento, tornando esta festa, bem ostensivamente, uma solemne homenagem a Rodrigues Cordeiro. Foi elle, em testemunho de gratidão, recitar ao theatro versos que intitulou — *Festa de Caridade*. Entre os applausos freneticos recitava elle — o poeta, o bom doutor mestre escola:

— «Esse estro das muzas presente funesto
não enche de orgulhos o meu coração;
aos títulos todos prefiro o modesto
de — mestre —, que as pobres creanças me dão.

Oh! sinto-me altivo! Mimosas primicias,
são essas creanças, d'um tempo que vem;
o nome de — mestre — bastante delicias
bem gratas doçuras já dado me tem.

Oh! sinto-me altivo! Formar-lhes as almas,
romper-lhes as trévas, mostrar-lhes a luz,
erguel-as da terra, colher-lhes as palmas
que brotam na senda que á dita conduz!...

De Marte os alumnos, amantes da gloria,
vem hoje mostrar-nos que sabem sentir,
que horrores da guerra nem trons de victoria
não logram affectos nos bons extinguir...»

No 2.º volume das *Esparsas* lê-se uma nota a esta poesia, a folhas 225, nota que diz assim: «A recita que deu origem a estes versos... pagou de sobejo todos os esforços que eu tinha feito para reger e sustentar a escola nocturna... Pagou-os de sobejo a portaria de louvor que publicou o *Diario do Governo* e o habito de cavalleiro da Conceição com que quizeram enfeitar-me o peito. Nunca o puz, mas os motivos porque m'o conferiram são honrosos.»

Aquelle *mas*, aquella adversativa de tres letras vale um artigo de fundo de opposição, vale uma satyra de Bulhão Pato a todos os governos liberaes.

Pois apezar de a haver tão bem merecido, em sua consciencia, e de referendar o decreto da condecoração, e assignar a portaria de louvor um ministro que se chamava — Rodrigo da Fonseca Magalhães —, nunca usou a insignia e provavelmente nunca a possuiu.

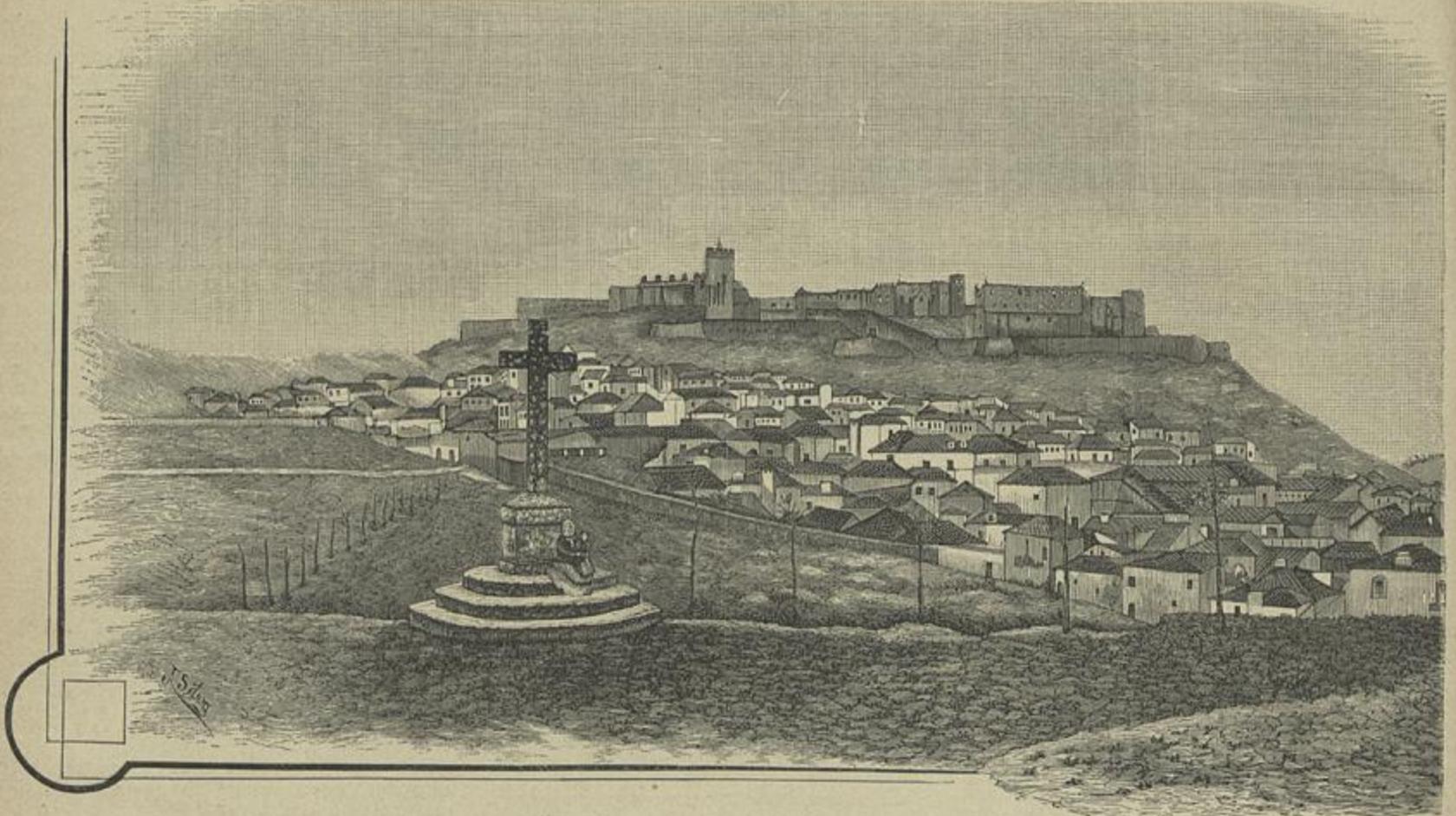
Não gostava de certo, apezar da sua modestia, (são implacaveis os modestos!) que o confundissem com a turba illustre dos condecorados; mas tanto procurou que achou motivo de perdoar. Não lhe deram aquillo, a elle, por nenhum mau procedimento. Estava perdoado o ministro e o rei.

Tambem por aquella occasião do seu interregno parlamentar se comprou em Lisboa um prélo com destino a Leiria, e no primeiro de julho de 1854 começou de publicar-se o *Leiriense* onde, com o titulo de *Chronicas*, Rodrigues Cordeiro produziu excellentes estudos historicos. Vão elles agora tambem ser publicados em dois volumes, incorporando-lhe muitos trabalhos posteriores. (1) Esses escriptos, em meu entender, são de muito subido valor, pelo estudo, pela copia de noticias e de documentos, pela consciencia e pela fórma que os reveste.

Se a memoria me não atraiçoa, no *Leiriense* escreveu tambem notaveis artigos o erudito sr. D. Antonio da Costa, que era, salvo erro, secretario geral do governo civil de Leiria.

Rodrigues Cordeiro accumulava, com o de mestre-eschola, o logar de administrador do concelho,

(1) Parece que a doença que nos ultimos annos acometeteu Rodrigues Cordeiro o impossibilitou de publicar, que nos conste, em volume estas chronicas.



VILLA E CASTELLO DE PALMELLA

(Cópia de uma photographia do sr. Carlos de Sousa Pimentel)

de que se demittia em outubro de 1856 para poder ser eleito deputado, que foi, mas pela ultima vez.

*
*
*

Desposou em 1850 uma senhora de Lisboa. Como ia ter na capital mais demorada permanencia, fizeram d'elle, em 1861 redactor da camara dos deputados, onde se conserva, como chefe de redacção; logar difficil, tanto pela variedade de conhecimentos que é preciso possuir, como pela flexibilidade do estylo que de orador para orador é preciso modificar, para não attribuir aos parlamentares phrases que nunca proferiram. Comprehende-se a afflicção d'aquelle bispo que vendo no seu discurso: — «Consentiu o Senhor que prevalecesse, d'esta vez ainda, a tentação do demonio», — exclamava ruborizado e tremulo: — Grande calumnia, meu Deus! eu nunca pronunciei o nome do tentador, nunca, em minha vida!! Eu disse, (ó Senhor, perdoae-me!) eu disse: — «tentação do inimigo!» — E de facto a tachygraphia não ouvira a ultima palavra; escreveu — tentação do... e o redactor, primeiro escreveu — diabo; — riscou e escreveu — satanaz —; alterou ainda e assentou: — demonio —. Pois isto fez com que o bispo se confessasse e jejuasse oito dias a pão e agua, por conta do redactor.

*
*
*

Desde 1862, ha 26 annos, publica Rodrigues Cordeiro o *Almanach de Lembranças*, um dos mais graciosos, elegantes e vivedouros annuarios que tem apparecido no mundo litterario. Fundou-o Alexandre de Castilho, digno irmão do grande poeta, no saber, no dizer, no ensinar.

Ha familias desequilibradas, onde apparece uma summidade entre vulgaridades inaproveitaveis; ha outras, privilegiadas, onde o primogenito, o morgado, é reconhecido e respeitado, entre adorações, pelos filhos segundos, mas onde, sem escandalo nem admiracoes, qualquer dos segundos podia ser morgado. Tal foi, nas armas, na lealdade e nas letras, a familia de D. João I; tal nas letras

e nas sciencias e nas armas tambem, a familia de Castilho; tal a de Cordeiro.

No *Almanach de Lembranças* publica Rodrigues Cordeiro desde 1872, biographias dos mais notaveis escriptores de Portugal e do Brazil; do Brazil, onde letras e sciencias vão crescendo, com a promptidão e a luxuosa florescencia que imprime a todos os seus productos aquella uberrima natureza. De poetas brasileiros ha produções surprehenderes; mas á precocidade esplendida e exuberante da sua musica celestial, muita vez corresponde uma ephemeridade contristadôra. Ao contemplar o desaparecimento de tanta divina creança, affigura-se á imaginação dolorida, uma copiosa chuva de estrellas, não cadentes mas ascendentes, entrando e desaparecendo pelo seio luminoso do infinito.

Essas biographias tenciona Cordeiro reunir e publicar em volume especial.

*
*
*

Notei como privilegiada para as letras a familia de Xavier Cordeiro, e justo é que fique a nota bem accentuada n'esta biographia onde estou a fugir a encomios, que o dever, que a verdade, que a propria justiça, estranharão porventura não ver tributados a quem por tantas razões o merece. Rodrigues Cordeiro teve um irmão, o sr. Candido Joaquim Xavier Cordeiro, e uma irmã, a senhora D. Maria José Xavier Cordeiro. Seu irmão, a quem seu tio, — o opulento da familia, — não quiz beneficiar, porque elle se envolvera cedo, voluntariamente e de coração, nas luctas politicas, não se lembrando, o ajuzado velho, que seu sobrinho era neto de transmontano, estudou por mais barato, mais para pobres — de dinheiro, — o curso de pharmacia, como o nosso biographado. Conheci-o em Coimbra, no gabinete de chimica do museu, onde toda a Universidade, principalmente as faculdades de sciencias naturaes, vinham consultal-o e conversar com o austero erudito. Ha d'elle um livro de 500 paginas *«Elementos de Pharmacia theorica e practica»*, que é compendio adoptado na Universidade. Sem outros recursos mais que os do seu saber, do seu trabalho e da sua severa economia, deu a seus filhos, que bem a mereciam, educação de principes. Um d'elles é o en-

genheiro Candido Xavier Cordeiro. Perguntae á engenharia portugueza, tão illustrada e tão illustre, quem n'ella se lhe avantaja. Outro é o juiz de direito de Marco de Canavezes e chama-se Antonio Xavier de Sousa Cordeiro. Na carreira da magistratura tem mostrado como n'elle se conserva a linha recta e inflexivel, herdada de Montalegre.

Sua irmã, a senhora D. Maria José Xavier Cordeiro, casou com o dr. José Lopes Vieira, notavel jurisconsulto e notavel parlamentar. No parlamento o conheci, durante o pouco tempo que uma doença fatal lhe consentiu ter assento na camara dos deputados. D'aquelle senhora, irmanissima de Cordeiro na bondade e no talento, existem dois filhos; um terceiro vi eu morrer em Lisboa, e tenho bem presente ainda as circumstancias da sua morte. Um dos sobreviventes é lente de medicina pela Universidade de Coimbra, é o doutor Adriano Lopes Vieira, que já occupou no parlamento a cadeira de seu pae; outro, formado em direito, vive em Lisboa, onde é já ornamento do fóro, apesar de ser bem recente a sua chegada aos auditorios da capital, é o doutor Affonso Xavier Lopes Vieira.

Eram quatro as filhas d'este matrimonio; uma, porém, morreu na primeira florescencia de idade, deixando da sua belleza, do seu espirito e da sua bondade, saudosas recordações á enluctada familia e a quantos a conheceram. Conheci e conheço as tres restantes, duas das quaes, as senhoras D. Maria da Piedade e D. Luiza Lopes Vieira, são solteiras, notaveis e notadas, além das demais qualidades da familia Cordeiro, pela sua gentileza e formosura. Da mais velha, a senhora D. Amelia Lopes Vieira, conheci duas filhas, umas creanças que prometiam continuar, sem quebra, os dozes muito distinctos do materno espirito.

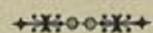
Cordeiro não tem filhos: o dom da poesia herda-o o sobrinho do seu nome.

Que elle se não ruborise na sua beca austera de magistrado, pela denuncia do seu convívio com as musas, que:

«Não fazem damno as musas aos doutores.»

(Continúa).

Thomaz Ribeiro.



Dr. Alexandre Meyrelles de Tavora do Canto e Castro¹

Este illustre portuguez de quem o OCCIDENTE publicou, ha pouco, o retrato e a biographia, tem muitas paginas brilhantes e gloriosas da sua vida, ainda não conhecidas do publico.

É o que nos leva hoje a pegar na penna, porque

O dr. Tavora é, como muito bem diz o OCCIDENTE, um dos mais illustres membros d'essa «geração privilegiada de homens, que tiveram a embalar-lhes o berço os estremecimentos e embates das grandes luctas da primeira metade d'este seculo.»

Apostolo denodado da liberdade, filho de suas idéas, nobre pelo sangue, mas ainda mais nobre por essas idéas liberaes, fervendo-lhe incandescen-

seu ideal e caracter mais um exemplar frizante para a confirmação d'essa lei.

Nenhuma outra parte integrante da monarchia talvez, mais do que a India portugueza, pôde fazer essa afirmação com toda a affouteza, porque foi aqui que o illustre e honrado dr. Tavora exerceu grande parte da sua vida publica.

Patriota de superior e excepcional quilate, tanto mais para ser admirado quanto na época presen-



UMA «BACCHANTE»

prestando culto sincero de admiração e respeito à sua robusta intelligencia e sobretudo ao seu coração, temos a honra de ser um de seus humildes, mas sinceros e dedicados amigos.

¹ Recebemos agora da India este artigo escripto pelo sr. Antonio Felix Pereira, que amplia o artigo biographico que publicamos no OCCIDENTE arrespeito do dr. Alexandre Meyrelles de Tavora, illustre collaborador d'esta revista e que a morte arrebatou ha pouco. É tão honroso para o fallecido magistrado, que entendemos publical-o como mais uma homenagem à sua honrada memoria.

A Redacção.

tes no luminoso cerebro, o dr. Tavora creou jus a ser admirado pela posteridade, porque no seu ideal vasto de levantado alcance, nunca abrigou, nunca poudo abrigar a mesquinhez de exclusivismos e das pequenas differenças, que tanto animam, acalentam e inspiram os espiritos fracos da moderna geração.

Diga-se o que quizer, parece hoje uma lei incontestavel, que o meio e a epoca em que se nasce e se educa, influem decisivamente sobre o ser homem.

E o dr. Tavora, nascido na classica terra da liberdade, educado na revolucionaria França, é pelo

te de descrença e sem fé, esse portuguez illustre, considerando que sua patria não podia ser a pequena, mas gloriosa cidade de Angra, não podia ser o legendario archipelago dos Açores, nem podia ser essa estreita orla do continente europeu que se chama Portugal, mas sim toda a terra onde viceja a divina religião do Nathzareno, e tremula o santo e glorioso pendão das Quinas, o dr. Tavora escolheu para a arena de seus trabalhos e de suas luctas as provincias ultramarinas, porque achou seriam esses trabalhos mais honrosos quanto mais difficeis e mais arriscados..

E escravo de suas idéas voou para ali este magistrado que pelo seu talento e esuados, era destinado a occupar a cadeira de lente da universidade, que occupou embora por curto período de seis mezes, e que pelo seu caracter e iniciativa via abrirem-se-lhe as portas da mais alta burocracia continental, sem se importar com as beliosas, febres amarellas ou palustres, serviria a patria amada, ainda que fosse no seu torrão mais infeliz, no seu cantinho mais obscuro.

E as provincias ultramarinas, d'um extremo a outro, desde as Africas até á Oceania, serviram de arena ao grande luctador.

E aqui que o seu espirito eminentemente liberal, acalentado pelas auras fagueiras da igualdade e fraternidade, encontrou novos e extensos horizontes.

Os serviços prestados pelo dr. Tavora no Ultramar, e, em especial na India, são relevantissimos.

Juiz da relação de Gôa, foi notavel na austeridade da sua vida e costumes irreprehensíveis, sendo digna de ser imitada a firmeza, a honradez, a integridade e a energia, que empunhando a balança de Themis, manteve recto o seu fiel, não o deixando inclinar de lado nenhum, porque no sagrado exercicio do seu cargo, não conheceu nunca, amigos, nem inimigos.

Como membro do Conselho do governo provincial, o seu espirito lucido e clarividente penetrou fundo em todas as questões de mais grave interesse para o paiz e muito serviu para dar boa orientação aos altos negocios do Estado.

Firmemente convencido de que os funcionarios europeus eram ou deviam ser os verdadeiros élos entre os filhos do Ultramar e a mãe patria, e que já não havia ferros, nem bastilhas bastantes para comprimir os espiritos, por isso que o seculo presente só aceitava o imperio de amor e sympathia, o dr. Tavora, inimigo franco de diferenças de cor e raça, conquistou as sympathias de todos os filhos d'esta terra, que ainda hoje se lembram d'elle com saudade e veneração.

Singular condão da intelligencia: quanto mais o dr. Tavora procurava nivelar se com os filhos do Ultramar, tanto mais elle subia no conceito de todos, que dia a dia iam conhecendo os preciosos dotes do seu espirito e as generosas prendas do seu coração, e cada vez mais o acatavam e respeitavam. Repetimos, que é singular condão esse e indispensavel a todos os governantes das provincias d'alem mar, que tem de esforçar-se sempre para o terem por espelho, impondo se aos seus governados, pela sua intelligencia, pelo seu saber, pela sua austeridade e isenção, pela sua probidade e honradez e pela galhardia de suas maneiras.

O dr. Tavora, não satisfeito de expandir-se sobre o futuro de Portugal e provincias Ultramarinas em todas as reuniões publicas e particulares, e querendo dar a maxima publicidade ás suas idéas, escreveu no *Anglo-Luzitano* de Bombaim, artigos valiosissimos em forma de cartas dirigidas ao então ministro da marinha o Conselheiro Antonio Ennes.

Não podemos furtar-nos ao prazer de transcrever aqui os lucidos conceitos com que prefaciou esses escriptos de subido interesse publico, reduzidos depois a folheto.

Eil-os:

«Se o meu intento, dirigindo estas cartas ao Sr. Antonio Ennes, foi despertar o animo do ministro, o zelo pela justiça, o amor das reformas uteis, e o remorso pela negligencia e abandono em que tem deixado jazer os interesses mais vitais desta maldadada provincia, tão cruelmente vexada, tão barbaramente tratada, tão cynicamente explorada na sua fortuna e nos seus haveres, é outro meu intuito, não menos nobre, não menos generoso, dedicando estas paginas soltas d'um livro inedito ao povo indiano, e sacudil-o da sua lethargia, da sua indolencia, da sua fraqueza, em se deixar explorar sem ao menos protestar pelos meios que a Carta Constitucional, esse código fundamental das liberdades publicas, lhe concede, isto é, fazendo ouvir a sua voz como um trovão, nos comícios, na imprensa e no parlamento».

Que o ensinamento que se reflecte e irradia d'estas paginas ardentes de colera e de paixão, soltas a todos os ventos da publicidade e escriptas por um homem encanecido no serviço publico, e que aprendeu a conhecer o que ha de nobre, de levantado e de patriótico n'esta população indiana, tão sympathica e tão notavel por mais d'um título, se apresenta aqui, n'essa grande cidade de Bombaim, ou trora portugueza, bem como no continente do reino, não só como um protesto, mas como um legado de honra e uma saudade.

E seja me permitido ao entoar o *de profundis*

sobre esse equilibrio dos poderes, que faz do rei um automato ou instrumento cego das facções e dos insignificantes em vez de ser, como chefe da nação, a chave do edificio politico, segundo a Carta, soltar ao mesmo tempo o grito libertador dos opprimidos contra os oppressores, das victimas contra os algozes, que se resume n'estas palavras vingadoras — Deus, justiça e liberdade.»

Eis em traços ligeiros, mas bastantes, a photographia da sua alma, vibrando generosa sob o impulso do seu impoluto caracter.

O povo da India não podia deixar de mostrar-se grato a quem tão desassombradamente trabalhava pelo seu bem estar, foi por isso que os habitantes da India portugueza deram ao dr. Tavora um solemne *address*, como testemunho sincero de sua sympathia, amizade, respeito e veneração.

Firme nos seus principios e no seu caminho da honra e do dever, o dr. Tavora teve de sustentar na India muitas luctas contra tyrannicos abusos, e elle que recebera em verdes annos o baptismo de fogo no Alto do Vizo, combatendo pela liberdade, mostrou-se sempre inabalavel no seu posto, porque a branca bandeira da justiça, dava-lhe forças de gigante para arcar com os mais fogosos despotas.

Levando sempre a melhor em lucta contra os processos cabralistas d'um poderoso presidente da Relação d'esta provincia, hoje fallecido, esse illustre magistrado teve invejosos que tentaram deturpar o seu caracter pelo aleive e pela calumnia. Um d'elles, tambem seu collega na magistratura da segunda instancia, chegou ao extremo de lhe oppor suspeição na decisão d'um pleito em que era interessado, e o dr. Tavora, como o oiro que sahe mais puro da chamma, apresentando uma deleza brilhante, a que tivemos a honra de assistir, tendo orado por espaço de duas horas, demonstrou a falsidade da accusação, deixando vêr ao mesmo tempo os seus perigrinos dotes oratorios.

Houve um tempo em que a India portugueza, e, em especial o concelho de Salsete, revolviam-se nos horrores da tyrannia, por que a tão fallada e tão indispensavel independencia do poder judicial, tinha se convertido na mais crassa mentira e não passava d'um mytho; — o poder executivo, combinado com o judicial, tinha esmagado as liberdades publicas, — a mais alta burocracia da provincia ia enlamear-se n'esse mar revolto de ambições e ruins referencias, — vinte e tres martyres regavam o solo com seu sangue para defender os direitos sagrados d'um povo.

N'esse momento critico, em que quasi todas as glorias de Portugal parecia terem-se apagado, no meio d'esse cahos enorme, destacavam-se grandiosos, dois vultos: eram os srs. dr. Tavora e o illustre e saudoso presidente da relação, o finado dr. Ennes.

Mantinhm elles a honra da magistratura judicial da provincia, mas por essa fatalidade que preside ás cousas humanas, tão difficil e honrada isenção, foi castigada com uma syndicancia aos actos d'aquelles dois illustres e honradissimos magistrados.

Importava pouco essa syndicancia a estes funcionarios benemeritos, porque tinham elles conservado impoluta a sua becca; mas o proprio despacho que a determinava era considerado por todos como uma monstruosa injustiça; infelizmente, porém, não é este o lugar proprio para ventilar-mos os motivos que levaram a secretaria da marinha a ordenar essa syndicancia, com quanto só tenhamos de congratular-nos pelo resultado que teve, pois que a syndicancia contra o dr. Tavora foi mandada suspender pelo Supremo Tribunal de Justiça, vista a promoção do Ministerio Publico, que classificou como *injusta e calumniosa*; e sendo continuada a relativa ao dr. Ennes, terminou na mais completa absolvição, chegando-se assim a uma solução diametralmente opposta aos designios dos seus inimigos.

Goa inteira, pelos seus cento e vinte maiores contribuintes, dos tres principaes e mais antigos concelhos das Velhas Conquistas, que representam o seu elemento pensante, protestou solememente contra a injustiça da syndicancia, congratulando-se com um magistrado que se conservou sempre arredado da politica partidaria do paiz, e que escrevendo as celebres *Cartas Indianas* no *Anglo-Luzitano*, tinha unicamente dado largas ao seu patriotismo, manifestando a um tempo os seus largos estudos economicos.

Como homem publico, é de todos conhecida a estima com que ao dr. Tavora distinguiram quasi todos os governadores da provincia, e muito especialmente o illustre conselheiro Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, hoje almirante reformado, um dos que muito trabalhou para levan-

tar este paiz, com rasgadas reformas em todos os ramos do serviço publico e grandes melhoramentos materiaes.

Durante a correição judicial que o dr. Tavora fez na Africa Occidental, foi elle encarregado pelo então governador, o benemerito almirante Baptista de Andrade, uma das glorias incontestaveis do nosso moderno Portugal, de passar o rio Lucalla, quasi innavegavel e observar se seria conveniente estabelecer em Veixas, uma colonia penal dos degredados, o que cumpriu com risco de sua vida, pois estando gravemente doente e recebendo o officio do illustre governador, foi desempenhar aquella espinhosa missão.

Como jornalista é de sobejo conhecido o illustre doutor, mas como orador será pouco tudo quanto se disser a seu respeito; — pudemos comparar a sua lingua com o mar de Ceylão, d'onde as perolas brotam a flux e inacabaveis. Lembra-se d'elle com saudade todos os que o ouviram e viram orar.

Na Sociedade de Geographia de Lisboa, da qual era socio correspondente, o dr. Tavora fez magistralmente varias conferencias, e a uma d'ellas cujo assumpto era o Tratado de Portugal com a Inglaterra, acerca do Caminho de ferro de Mormugão e contracto do sal, tendo assistido um dos notaveis homens de letras que Portugal tem produzido nos modernos tempos, o grande parlamentar Pinheiro Chagas, então Plenipotenciario por parte do nosso governo para a renovação d'esse tratado, mereceu elle calorosos applausos d'aquelle estadista e da assemblea.

Patriota como poucos, o dr. Tavora não podia deixar de tomar parte nas festas do centenário d'esse genial patriota que se chamou o Infante D. Henrique, pois foi na terra do seu berço, a sua querida Angra que fez uma conferencia para o celebrar, pronunciando depois no Palacio da Camara Municipal um brilhante discurso, sendo phreneticamente applaudido.

O discurso ou brinde que mezes depois pronunciou tambem no Paço da Camara Municipal da Villa da Praia, onde assistiam os officiaes da marinha da *Corveta Duque da Terceira*, mandada ali propositadamente para saudar o dia 11 de agosto, anniversario da batalha que decidiu os destinos da velha monarchia, e esse brinde, repetimos, produziu entusiasmo tal que recebeu uma completa ovação.

É ao dr. Tavora que a nova cidade de Vasco da Gama de Mormugão deve o seu baptismo.

O *Ultimatum* de 11 de janeiro — essa affronta cuspidá á nação por uma amiga ingrata e interesseira, feriu-lhe a alma patriótica arrebatando-se na maior indignação. Foi d'esse benemerito que primeiro resou na India a lembrança da subscrição nacional, antes mesmo que em Portugal se pensasse em tal ou pelo menos fosse d'ahi comunicada a lembrança, da qual mais tarde o governo provincial se esforçou em vão disputar-lhe a paternidade.

Muito ha para se escrever da longa e trabalhosa carreira publico do dr. Tavora, d'esse ornamento da nossa actual magistratura judicial, incontestavelmente um vulto proeminente da nossa época, pelo prestigio da sua palavra e da sua penna fecunda e brilhantissima.

D'este historico oriente, tentaremos, embora toscamente, esboçar a mais largos traços, alguns dos muitos factos notaveis da vida publico do dr. Tavora, para termos a ventura de apresentar ao culto occidente essas paginas brilhantes da sua historia.

E terminamos applicando ao illustre e integerrimo magistrado os seguintes conceitos d'um grande escriptor:

A sua phantasia ardentissima encontrava uma virgem formosa e candida a cujos pés podia queimar o inebriante incenso que arde nas cassoletas de oiro do seu magico estylo: essa virgem era a liberdade.

Nova Gôa — India Portugueza
— 25 de novembro de 1896 — anniversario da reconquista de Gôa pelo grande Albuquerque.

Antonio Felix Pereira.

O NARIZ DO TABELLIÃO

POR E. ABOUT

(Continuado do numero 650)

Esta especie de condemnação lançou o pobre do tabellião em consternação profunda. Entrou a arrancar os cabellos e a cbracejar, pelo aposento, como um posseso.

POESIAS DIVERSAS

TEXTO

RECÚA¹

Pretendes deixar o mundo,
Quando o mundo inda não viste?
D'esse abysmo o negro fundo
Por acaso já mediste
Em que te queres lançar?
É porque a alma padece?
Porque julgas que anoitece
Teu dia mal a raiar?

Pois, já que assim te parece,
Noite seja, noite escura;
Mas dize-me: já notaste
D'essa noite a formosura?
Já alguma contemplanste
Illuminada d'estrellas
Assim tantas e tão bellas?

Deixar a mãe que te adora,
A vida que te sorri,
Deixal-a quando na aurora,
Toda riso, encantadora,
Se prepara para ti?
E o amor que, tarde ou cedo,
Ha de saber o segredo
Que te opprime o coração!
Pódem só dezeseis annos
Gerar tantos desenganos
E tamanha abnegação?

E, se um dia, arrependida
De te veres isolada,
Os olhos para esta vida
Tu volveres consternada,
Erma não a encontrarás?
Angustiosa procurando
Do passado o sonho brando,
A mortalha não verás
Com que da terra despiste
As esp'ranças, triste, triste,
Viva e só não te acharás?

É tempo ainda; recúa;
Deixa, deixa a ideia tua,
Esse sonho, essa illusão;
Quer a candida bonina
Livre ar para viver,
Luz do sol para crescer,
E uma veia cristalina
Que lhe leve fresquidão.

As lagrimas que derramas
Porque lagrimas as chamas?
São meigo orvalho do céu;
São orvalho que a verdura
Vem alimentar da flor,
A que presta mais frescura,
A que dá mais vivo odor.

Quando choras a tristeza
Que em teu rosto se traduz
É magoa que tem belleza,
É treva que espargue luz.
Tal é triste a natureza
Na doce melancholia
Da hora do pôr do sol,
Tal é triste a melodia
Do canto do rouxinol.

Eu portanto porque leio,
Qual se fosse em livro aberto,
Do teu coração no enleio,
Minha virgem, digo e creio
Que essa ideia é desacerto.
E, se fôr para louvar
E servir sómente a Deus
Que assim nos tentas roubar
O lume dos olhos teus,
Vou-te dar um bom conselho:
Dentro em tu'alma o procura,
N'ella só, e mais no espelho,
Onde vês a formosura.

VERSIONE

INDIETREGGIA

Tu lasciar pretendi il mondo,
Quando ancor non l'hai veduto?
Di quel bataro il gran fondo,
Dentro al qual ti vuoi gettar,
Forse hai già ben conosciuto?
Gli é perché l'alma patisce?
Peché credi che finisce
Il tuo giorno al suo spuntar?

Ma, se a te notte apparisce,
Notte sia, buio perfetto;
Peró, dimmi, già notasti
Di tal notte il vago aspetto?
Giá qualcuna contemplast
Rischiarata dalle stelle
Cosí tante e cosí belle?

É una madre che ti adora,
É una vita incantatrice
Ché tu lasci, or ch'una aurora
Tutta riso che innamora,
Nunzia a te avvenir felice!
É l'amor cui tardi o presto,
Fia il segreto manifesto
Ché al tuo cor causa oppression!
Ponno or dunque sedici anni
Créar tanti disinganni,
E cotanta abnegazion?

E se un dí, triste, pentita
Di vederti abbandonata,
Rivolgessi a questa vita
I tuoi sguardi costernata,
Erma non la troverai?
Ed allor, mesta cercando
Del passato il sogno blando,
Le gramaglie non vedrai
Con che al mondo hai detto addio,
E soletta, e nell'oblio
Tetri giorni non vivrai?

E ancor tempo. Or su, indietreggia;
E che ormai smetter ti veggia
Questo tuo pensier crudel.
Alla vita d'ogni fiore
Aria libera conviene,
Piú del sole il vivo ardore;
Un fil d'acqua poi il mantiene
Sullo stelo fresco e bel.

E le lagrime che spandi
Perché tali le domandi?
Son rugiada pia del cielo,
Stille son che fan maggiori
Gli incantesimi del fior;
Onde avvien che meglio odori,
E piú splenda il suo color.

Quando piangi, la tristezza
Ché dal tuo volto traluce,
É dolor que dá belleza,
É tenébra que dá luce.
Cosí triste par che sia
La natura, allor che il dia
Muore al tramontar del sol;
Triste é al par la melodia
Del cantar dell' ussignuol.

Io perció, perché ho scoperto
Del tuo cor l'intimi sensi,
Ti diró che quel che pensi
Parmi, ó vergine, error certo.
E se é sol perché servire
E lodare Iddio tu vuoi,
Ché ora a noi tenti rapire
Lo splendor degli occhi tuoi,
Un consiglio vo' darti io;
Nel tuo cor cerca sol Dio,
Qui sol; poi ti mostrerá
Fido specchio la beltá.

Genova, 22 Novembre 1866.

Ramos-Coelho.

Prospero Peragallo.

— Mutilado! exclamava, debilhado em lagrimas; mutilado para sempre! Não haverá remédio para a minha sorte? Se existisse qualquer droga, qualquer topico mysterioso com a virtude de restituir o nariz a quem o perdeu, comprava-a a pêso de ouro! Mandava-a buscar ao cabo do mundo. Sim! armava um nariz, até, se tanto fosse preciso. Mas não ha nada! Para que me serve a riqueza? Que aproveita ao doutor o ser um operador illustre, se a sua pericia toda, se os meus sacrificios vem a dar tão estúpido resultado... tres vezes nada, coisa nenhuma? — Saber, riqueza, palavras oucas!

O doutor Bernier, de vez em quando, com imperturbavel serenidade, respondia-lhe:

— Deixe cortar uma tira na pelle do braço, e faço-lhe outro nariz.

— Houve um momento em que Messér L'Ambert pareceu estar resolvido. Despiu o casaco e arregaçou a manga da camisa. Mas, assim que deitou os olhos para o estojo, aberto, quando viu trinta e tantos instrumentos de tortura, a luzir, a luzir, perdeu a côr, desfaleceu e, quasi desmaiado, deixou-se cahir n'uma cadeira. Barrufado com vinagre e agua, recuperou os sentidos, mas não a resolução.

— Nem pensar em tal, disse, e tornou-se a vestir. A geração a que pertenco é animosa, sob varios pontos de vista, mas em presença da dôr, é fraca. A culpa tiveram n'a nossos paes que nos crearam sobre camadas de algodão.

D'ali a minutos, este mancebo, embalado nos mais religiosos principios, entrou a blasphemar da Providencia.

— Que mundo este! exclamou; que famosa estereira! Dou os meus parabens ao Creador! Não se desfaça! Tenho de renda cem mil francos, e hei de ficar com o nariz esborrachado... com cara de caveira; e o meu porteiro, que talvez nem tenha de seu dez escudos, a fazer-me negações com aquelle nariz, digno do Apollo do Belvedere. A Sabedoria que tanta coisa previu, não previu que o meu nariz viria a ser cortado por um turco, e porquê... por que cumprimentei M.^l Victorina Tompain.

Andam por essa França tres milhões de farrourilhas, me mêem se algum d'elles val mais de dez soldos, e não poder eu, nem mesmo a pêso de ouro, comprar o nariz a qualquer d'esses miseráveis!... E d'ahi, porque não?

Veiu illuminar-lhe a fronte um raio de esperanza, e em tom mais moderado, proseguiu:

— Ao meu tio de Poitiers, já bem vèlho, na doença que o levou, injectaram-lhe cem grammas de sangue bretão na veia mediana cephalica! Um creado fiel prestára-se á experiencia.

A minha tia de Giromany, tão formosa, no tempo que ainda o era, mandou arrancar um dos dentes incisivos á mais bonita das suas aias, para substituir um dente que lhe cahiu. Pode-se dizer que este pegou d'estaca, e custou só tres luises. O doutor disse-me que, se não fosse a patifaria d'aquelle gato de má morte, podia ter me cosido á cara o nariz ainda quente. — Disse, ou não disse?

— Sem duvida, e digo ainda.

— Pois bem, e se eu comprasse o nariz ahi a qualquer pobre diabo, o doutor era capaz de m'oxertar a valêr no meio da cara?

— Lá isso era...

— Bravo!

— Mas não o faço, e nenhum dos meus collegas lh'o faz tambem.

— Mas porquê, não me dirá?

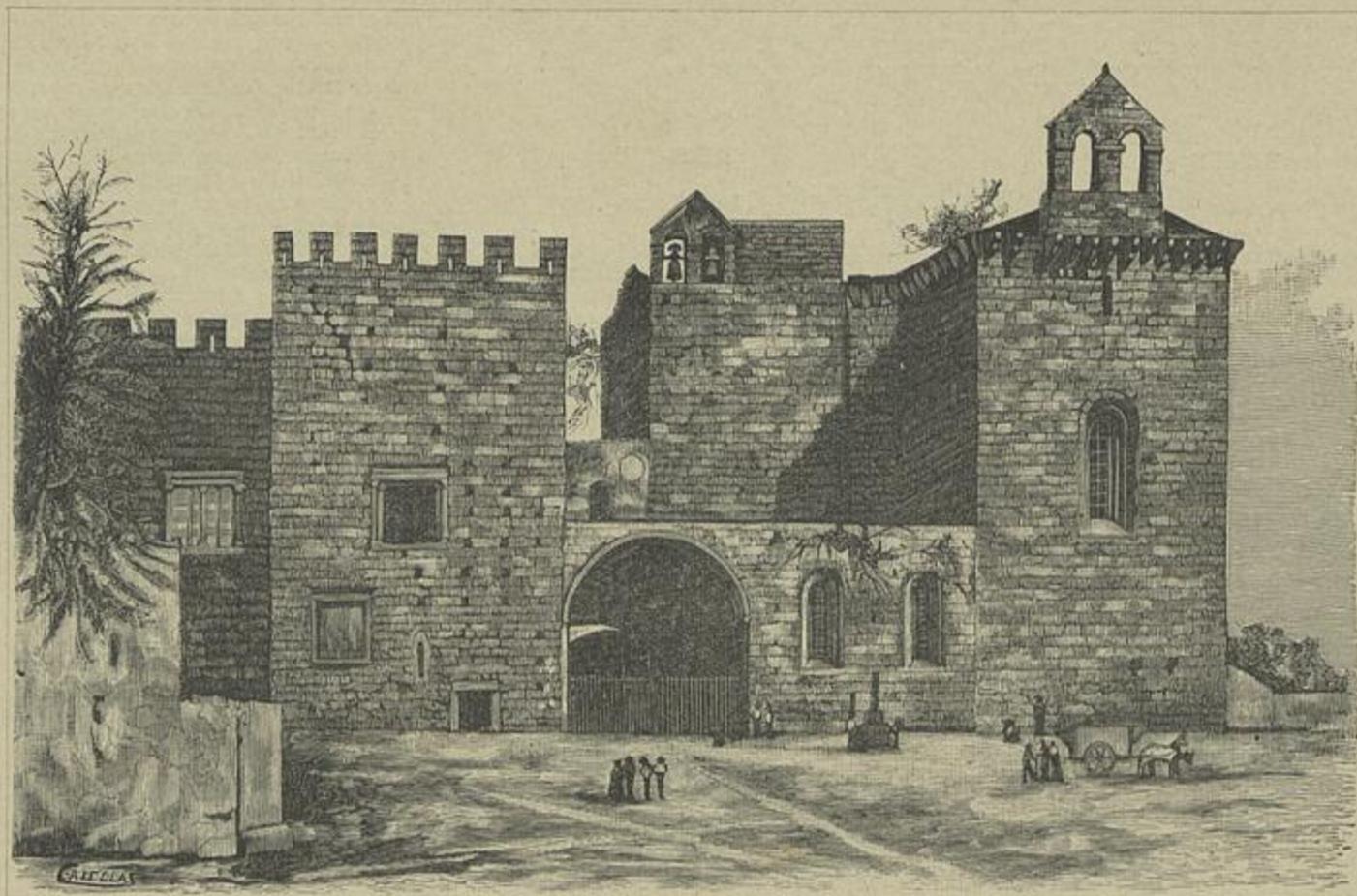
— Porque mutilar homem são é crime, por mais que a fome ou a estupidez de qualquer paciente o induzissem a consentir.

— A falar verdade, o doutor embarulha-me as noções todas do justo e do injusto. Dei homem por mim, arranjei um Alsaciano, de pêlo alazão tostado, a trôco de uns cem luises. O meu marmanjo, (custou-me o meu dióheiro) levou-lhe a cabeça uma bala de artilheria, no dia 30 de abril de 1849. Ora, como a referida bala viéra sobrescriptada para mim, da mão da sorte, posso dizer que o Alsaciano me vendeu cabeça e pessoa por cem luises, ou cento e quarenta, não estou bem certo. O Estado não só tolerou, como approvou tambem semelhante combinação; o proprio doutor acha que foi um negocio como outro qualquer; quem sabe se não comprou por igual preço um homem todo inteiro, e se accaso elle lá foi morrer em seu lugar. E agora que eu quero prometter o dôbro ao primeiro meliante que appareça a offerecer a ponta do nariz — essa miseria — clama o doutor que isso é escandalo!

O doutor entupio por um bocado, antes que encontrasse resposta logica:

Não tendo, porém, achado aquillo que queria, disse para Messér L'Ambert.

¹ Lampejos, poesias de Ramos-Coelho pag. 159.



EGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES, EM FLOR DA ROSA, DESABADA PELO TEMPORAL DE 11 DO CORRENTE

(Copia de uma photographia do sr. Luiz Cordeiro Godinho)

— Posto que a consciencia me não consinta que vá disfigurar um homem em seu proveito, parece-me, comtudo, que me será permittido, sem incorrer em delicto, cercear ao braço de qualquer miseravel os quatro centímetros quadrados de pelle que ao senhor lhe fazem tanta falta

— Mas doutor, tire-os lá a quem lhe parecer, comtanto que remedeie tão estúpido accidente! Tractemos de encontrar quanto antes um sujeito com boa vontade, e viva o methodo italiano!

— Devo privinil-o que, durante um mez inteiro, viverá em talas.

— Ora! quero cá saber das talas! O que me importa é que, passado um mez, já eu poderei apparecer no foyer da Opera!

— Está dito! Lembra-lhe, acaso, alguém?

— Esse porteiro em que ainda agora me falou...

— Optimo! Com cem escudos, compramol-o a elle, mulher e filhos. Quando o outro, já antigo, o Barbereaux, se aposentou, acho que para viver dos rendimentos, um meu cliente recommendára-me o actual, que andava mesmo a morrer de fome.

Messer Lambert tocou a campainha e ao creado, que accudiu, ordenou que fosse chamar á sua presença o Singuet, que fazia as vezes de porteiro.

Não se fez esperar o homem; e assim que viu o rosto do patrão, horrorizado, expediu um grito!

Era o genuino typo do pobre diabo parisiense, de todos os diabos o mais pobre: um homunculo de trinta e cinco annos, a quem todos dariam sessenta, tão secco, tão amarello e tão enfesado era.

O doutor Berniér inspecionou-o por todas as costuras e recambiou-o para o respectivo cubiculo.

— O homem não tem pelle que preste. Lembre-se dos jardineiros, que escolhem para os enxertos as arvores mais sãs e mais fortes. Veja se me escolhe um patusco bem sólido, entre o pessoal da casa; deve-os haver.

— Ha: mas bem se vê que os não conhece. Os famulos da minha casa, do primeiro até ao ultimo, são uns *lords*! Todos tem peculio, papéis de credito; especulam em jogos de fundos, balda commum á creadagem de casas grandes. Não sei de um só que seja, nos casos de comprar, a custo do proprio sangue, o vil metal que lá no Bolsa é ganho corrente.

— Mas quem nos diz que não encontraremos algum que, por dedicação...

— Dedicação entre tal gente? O doutor está brincando! Nossos maiores tiveram servidores

dedicados: nós, apenas lacaios malandrijs; e, no fundo, ganhamos talvez com isso. Nossos paes eram queridos dos seus apaniguados, e julgavam-se, portanto, obrigados a pagar-lhes na mesma moeda. Aturavam-lhe os defeitos, tractavam nos se adoeçiam, e sustentavam-nos na velhice; era o diabo!

Eu cá, pago á minha gente para que me sirva; e quando o serviço não presta, não preciso indagar se é por má vontade, doença ou velhice, ponho-os na rua.

— Em tal caso, não encontra, de certo, em sua casa o homem de que precisa.

— Tem alguém em vista?

— Eu? Ninguém. Mas, tudo me serve; o primeiro que appareça, o moço de fretes ali da esquina, o aguadeiro que oiço apregoar na rua!

Tirou os oculos do bolso, atastou um pouco os cortinados, poz-se a olhar para a rua de Beaune, e disse ao doutor:

— Olhe! vai acolá um rapazola que me não parece mau de todo. Queira ter a bondade de lhe acenar d'aquí, que eu, não me atrevo a expôr a cara ás vistas dos transeuntes.

Mr. Berniér abriu a janella, no momento em que a victima indigitada berrava com a força toda dos pulmões:

— Agua! — agua! — agua! —

— O rapaz, bradou-lhe o doutor, deixa lá esse barril e anda cá acima — sobe ali pela rua de Verneuil!

— Olha que é para ganhares dinheiro!

(Continúa)

Pin-Sél.



Recebemos e agradecemos:

Diccionario Illustrado, por Francisco de Almeida, illustrações de Francisco Pastor, 1896.

Temos recebido as cadernetas 24 e 25, que alcançam a pag. 800 e á letra Est, do elegante diccionario.

É livro util que não podemos deixar de recomendar. As suas definições são resumidas e o numero de palavras é elevado.

Ora Maritima, poema de R. Festus Avienus, estudo por F. Martins Sarmiento. 2ª edição. Porto. 1896.

— O celebre poema *Ora Maritima* é mais uma vez estudado n'este trabalho. D'elle procura arrancar o distincto archeologo sr. F. Martins Sarmiento, tudo quanto poude a sua muita erudição e atilado criterio ácerca do que respeita ás costas occidentaes da Europa.

Sem profundo conhecimento do poema, que tanto tem merecido dos eruditos de todo o mundo, não é possivel criticar honradamente a obra de Martins Sarmiento. Ignoramos o trabalho de Mülenhoff, e só lemos a este respeito o que diz D. Arbois de Jubanville, por isso, annunciando a appareção d'este estudo do celebre poema, occorrenos chamar a attenção dos entendidos, manifestando desde já a opinião de que nos parecem bem deduzidas e formadas todas as inferencias que o sr. Martins Sarmiento faz dos passos do poema que estudou. Creemos pois ser um livro de alto valor e que muito honra a bibliographia portugueza, hoje tão falha de obras eruditas e probas.

Ao auctor agradecemos vivamente a sua gentil offerta.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de pereineline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39